

AVALIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DE ANSIEDADE E PERFIL FARMACOLÓGICO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS

Pedro Henrique Ricarte Filho¹
Maria Isadora Rodrigues de Brito²
Raissa Geovana Moreira³
Victor Almeida Chaves⁴
Anabela Limma Lucio⁵
Luiz Fernando Bueno Azeredo D'Avila⁶
Talita Braga⁷
Adriane Ferreira de Brito⁸

¹Acadêmico de Medicina, Universidade Evangélica de Goiás,
e-mail: pedroricarte@icloud.com

²Acadêmica de Medicina, Universidade Evangélica de Goiás,
e-mail: mariaisabrito2004@hotmail.com

³Acadêmica de Medicina, Universidade Evangélica de Goiás,
e-mail: raissageovanamoreira987@gmail.com

⁴Acadêmica de Medicina, Universidade Evangélica de Goiás,
e-mail: victoralmeida150@yahoo.com.br

⁵Acadêmica de Medicina, Universidade Evangélica de Goiás,
e-mail: limmalucio@gmail.com

⁶Médico, graduado na Universidade Católica de Brasília,
e-mail: luizfernando5900@outlook.com

⁷Médica Psiquiatra, Docente de Medicina, Universidade Evangélica de Goiás,
e-mail: talita.braga@hotmail.com

⁸Doutora em Ciências Biológicas, Docente de Farmácia e Medicina, Universidade Evangélica de Goiás, e-mail: adriane.brito@docente.unievangelica.edu.br

RESUMO

Introdução: A prevalência de sintomas ansiosos tem aumentado globalmente, especialmente entre universitários, grupo exposto a altos níveis de estresse e sobrecarga acadêmica. **Objetivo:** Avaliar a prevalência do transtorno de ansiedade e os métodos de tratamento dos acadêmicos do curso de Enfermagem, 2025/1. **Método:** Coleta de dados realizada com aplicação da Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HADS) e de um questionário sociodemográfico. **Resultados:** Foi observado que 62,85% (22/35) dos acadêmicos foram classificados com “provável” sintomas ansiosos, 20% (7/35) como “possível” e 17,15% (6/35) como “improvável”. Já na depressão, 8,58% (3/35) dos acadêmicos foram classificados como “provável”, 54,28% (19/35) como “possível” e 37,14% (13/35) como “improvável”. Apesar dos sintomas de ansiedade e depressão, 68,6% (24/35) dos participantes não utilizam nenhum recurso para tratamento desses sintomas e 74,3% (26/35) dos participantes não utilizam nenhum medicamento. Entre os que utilizavam psicofármacos (25,71% - 9/35), a Sertralina foi o medicamento mais utilizado, correspondendo a 33,33% (3/9). Em relação ao desempenho acadêmico, a maioria não teve o desempenho prejudicado, sendo 45,7% (16/35) apresentando bons resultados e 20% (7/35) ótimos resultados. **Conclusão:** Os achados evidenciam alta proporção de ansiedade provável (62,9%) entre os acadêmicos de Enfermagem e menor frequência de depressão provável (8,6%), coexistindo com baixa utilização de recursos terapêuticos (68,6% sem tratamento e 74,3% sem medicação). Esse descompasso aponta para necessidade de estratégias institucionais de detecção precoce, educação em saúde mental e ampliação do acesso a cuidado psicossocial e farmacológico quando indicado, visando reduzir sofrimento e prevenir repercussões acadêmicas e funcionais.

Palavras-chave: Escala; Estudantes; Depressão; Saúde mental; Psicofármacos.

INTRODUÇÃO

Estudos estimam que 450 milhões de pessoas em todo o mundo possuem algum tipo de transtorno mental, o que inclui a ansiedade e depressão. Um grupo que tem mostrado uma crescente manifestação de transtornos mentais é o dos estudantes universitários, em que 80% desses estudantes, durante a jornada do ensino superior, experimentam situações estressantes diariamente, devido à grande quantidade de matérias, estressores financeiros e insegurança em relação a entrada no mercado de trabalho^{1,2}.

Em uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o Transtorno de Ansiedade Generalizada foi observado em 16,7% dos estudantes, sendo o segundo distúrbio mais comum¹. Nacionalmente, 58,4% dos jovens do ensino superior apresentam problemas emocionais advindos de sintomas ansiosos³. Um outro estudo, realizado em uma faculdade pública demonstrou que 10,6% dos estudantes de Enfermagem também apresentam sintomatologia depressiva⁴.

Esses sintomas podem contribuir para o uso inadequado de medicamentos ansiolíticos. Um estudo global revelou que 12,6% dos estudantes universitários com sintomas de ansiedade estavam usando esses medicamentos⁵.

Portanto, esse estudo teve como objetivo analisar a prevalência de sintomas ansiosos e depressivos e correlacionar o uso de psicofármacos entre os estudantes de Enfermagem da Universidade Evangélica de Goiás durante o primeiro semestre de 2025.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os dados foram obtidos por meio de questionário on-line composto por variáveis sociodemográficas e pela Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HADS), contemplando as subescalas HADS-A (ansiedade) e HADS-D (depressão). Os seguintes pontos de corte foram adotados: 0–7 (improvável), 8–10 (possível) e 11–21 (provável). Realizaram-se análises descritivas e teste do qui-quadrado de Pearson considerando $p < 0,05$. Foram descritos critérios de inclusão/exclusão e o período de coleta, respeitando as diretrizes éticas em pesquisa com seres humanos (CAAE 82714624.3.0000.5076).

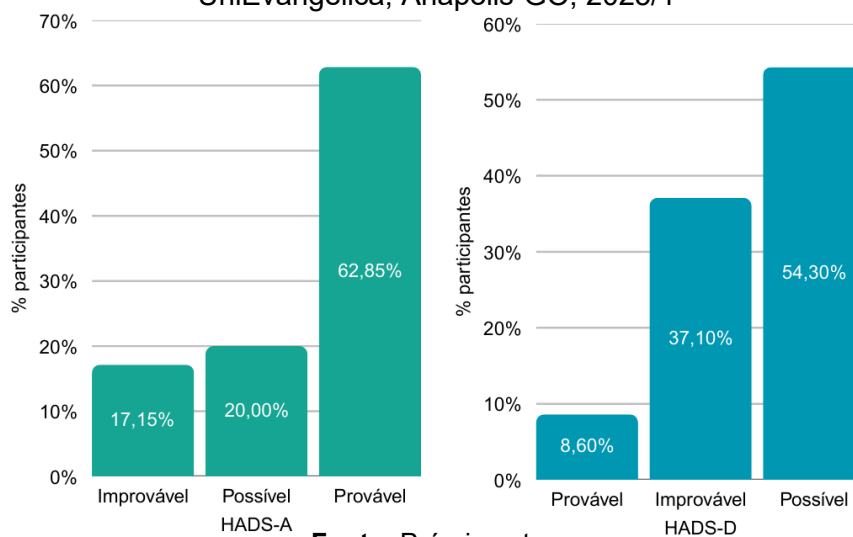
Os testes estatísticos foram realizados através do software Jamovi, considerando associação estatisticamente significativa quando $p < 0,05$.

RESULTADOS

A amostra desse estudo foi composta por 35 acadêmicos, nesse grupo amostral 62,9% (22/35) dos participantes obtiveram classificação da HADS-A como provável diagnóstico de ansiedade, 20% (7/35) possível e 17,1% (6/35) improvável.

Quanto aos sintomas depressivos houve um padrão diferente, no qual apenas 8,6% (3/35) dos participantes apresentaram classificação de provável diagnóstico de depressão, 54,3% (19/35) como possível e 37,1% (13/35) como improvável.

Figura 1: Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos de acordo com a classificação da Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HADS) entre acadêmicos de Enfermagem da UniEvangélica, Anápolis-GO, 2025/1



Fonte: Próprio autor.

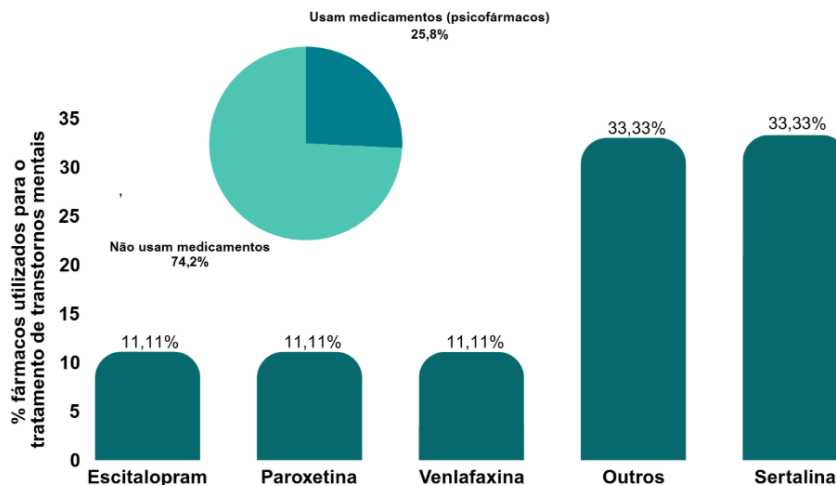
De acordo com a análise da associação entre as variáveis sociodemográficas deste estudo com os sintomas de ansiedade e depressão, houve uma correlação entre os recursos utilizados no tratamento desses sintomas com a probabilidade de diagnóstico de depressão, em que o valor $p=0,049$.

Com relação aos tratamentos, 68,6% (24/35) dos participantes não utilizam nenhum tipo de recurso para tratar os sintomas de ansiedade e depressão, o restante 31,4% (11/35) dos participantes utiliza: psicoterapia, medicamentos e uso de produtos naturais, sejam em monoterapia ou terapia associada.

Em relação ao uso de medicamentos, 74,3% (26/35) dos participantes não utilizam nenhum medicamento para tratar ansiedade e/ou depressão. Entre os medicamentos citados pelos participantes que usam terapia farmacológica (25,7% - 9/35) para os transtornos mentais, a Sertralina foi o fármaco mais citado com 33,3%

(3/9), seguido por Escitalopram, Paroxetina, Venlafaxina, Citalopram, Fluoxetina e Outros (**Figura 2**).

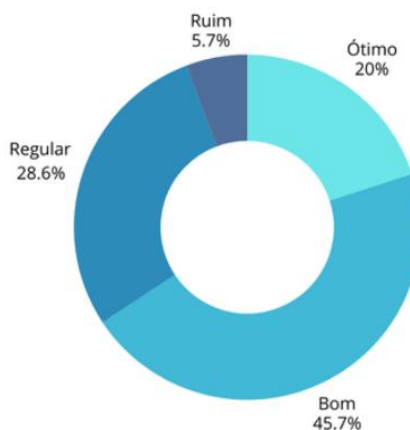
Figura 2: Principais recursos utilizados para o tratamento de ansiedade e depressão entre os acadêmicos de Enfermagem da Universidade Evangélica de Goiás.



Fonte: Próprio autor.

Em relação ao desempenho acadêmico autorrelatado dos entrevistados (**Figura 3**), os dados mostram que 45,7% (16/35) dos estudantes obtiveram bom desempenho, 28,6% (10/35) obtiveram desempenho regular, 20% (7/35) ótimo e 5,7% (2/35) ruim.

Figura 3: Desempenho acadêmico autorrelatado dos estudantes do curso de Enfermagem da UniEvangélica, Anápolis-GO, 2025/1



Fonte: Próprio autor.

CONCLUSÃO

Evidencia-se uma prevalência alta de sintomas ansiosos entre os acadêmicos de Enfermagem da Universidade Evangélica de Goiás, visto que 62,9% dos participantes apresentaram resultado provável para o diagnóstico de ansiedade. Em relação a depressão, apenas 8,6% apresentaram resultado provável. Entre os

psicofármacos utilizados, a Sertralina, um inibidor seletivo da recaptção de serotonina (ISRS) utilizado como primeira linha de tratamento no transtorno de ansiedade, foi a mais utilizada para o enfrentamento desses sintomas, representou 33,3%.

Mediante ao exposto recomenda-se implementar triagens periódicas com instrumentos validados (como a HADS), ações de letramento em saúde mental, oferta de apoio psicoterápico de baixa barreira (individual e em grupos) e fluxos de encaminhamento ágeis. Quando indicado, deve-se promover manejo farmacoterapêutico alinhado a diretrizes. Essas medidas podem mitigar sintomas e preservar o desempenho acadêmico. Limitações do estudo incluem amostra reduzida, corte transversal e uso de autorrelato, sugerindo a necessidade de investigações multicêntricas longitudinais para aprofundar e generalizar os resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹Fragelli TBO, Fragelli RR. Por que estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão? Uma rápida revisão de estudos longitudinais. **Revista docência do ensino superior**, v. 11, p. 1-21; 2021.

²Afonso AJ, *et al.* Sintomas de depressão e ansiedade em uma amostra representativa de universitários espanhóis, portugueses e brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, p. e36412, 2020.

³Silva ACS, *et al.* Relação entre vivência acadêmica e ansiedade em estudantes universitários. **Contextos clínicos**, v. 14, n. 2, p. 563-587, 2021.

⁴Lappan NCB, *et al.* Depressão, Uso De Drogas, Ideação E Tentativa De Suicídio Entre Estudantes De Enfermagem. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, v. 10, n. 7, 2016.

⁵Associação da ansiedade e uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área da saúde. **SciELO Preprints**, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4348. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4348>. Acesso em: 30 set. 2025.